

Sobre a Relação Ensino-Pesquisa na Formação Inicial em Educação Física

Alexandre Fernandez Vaz¹

Resumo

Trata-se da relação entre ensino e pesquisa em Educação Física. Ela será pensada em três momentos. O primeiro diz respeito à atividade profissional de investigação acadêmica, à produção avaliada e reconhecida pelos pares e validada pelas regras do jogo científico.

Um jogo que os estudantes têm que conhecer e, se possível, dele participar. O segundo momento procura apresentar o lugar que a pesquisa pode ter na formação, que se refere a um treinamento, a um aprendizado de pensamento sistemático, analítico e rigoroso.

Apresenta a idéia de que não é preciso tornar-se propriamente um

Abstract – On Teaching and Researching in Physical Education Undergraduate Studies

The aim of this essay is to show some reflexions on teaching and research in Physical Education. The relation between both topics is to think in three moments. The first is the professional research, the academic production that reaches validation by the scientists and the scientific game in its rules. This game should be known by the students. The second moment tries to show the place of researching in the undergraduate formation as training, as learning of systematic, analytic and rigorous thinking. It defends the idea that is not necessary to

¹ Doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade de Hannover, Alemanha, Professor da UFSC (PPGE, PPGICH), Pesquisador CNPq. Contato: alexfvaz@uol.com.br

pesquisador na licenciatura, mas é importante ter a dimensão da pesquisa na formação. Ao final, o texto aponta como essas questões se imbricam na prática de ensino como componente curricular, como isso pode ser um eixo na formação de professores e professoras de Educação Física.

Palavras-chave: Ensino; Educação Física Escolar; Pesquisa.

Introdução

Ser testemunha de um acelerado processo histórico em curso pode ser um privilégio, ainda que não seja algo tão raro em tempos tão velozes e de tantas transformações como os que vivemos hoje. Não há dúvidas de que em um período historicamente curto, a área de Educação Física no Brasil mudou muito. Quando iniciei meus estudos na licenciatura, em uma universidade pública, há cerca de duas décadas, havia apenas um professor com o título de mestre a nos ministrar aulas. Pouco depois da metade do curso, de apenas três anos (o currículo mudou para quatro durante meu período na graduação), recebemos um doutor, apenas um dos dois, em Educação Física, que havia no estado de Santa Catarina. Não se escrevia trabalho de conclusão de curso e não havia bolsas de pesquisa para os estudantes. Os recursos para a investigação eram

become a researcher as a student, but it is important to observe the research dimension in the undergraduate studies. The essay ends with the link between these questions and the teaching training as a curricular theme, how it is an axis in the formation of Physical Education teachers.

Keywords: Teaching; School Physical Education; Research.

muito escassos, a pesquisa uma exceção à norma.

Uma das questões para as quais os alunos de hoje podem atentar com mais facilidade é que a formação inicial é um momento singular, pois ela define, em grande parte, a carreira profissional. Ao mesmo tempo, e talvez com menos “pragmatismo”, é bom também saber que estudar, estar em formação, é uma experiência muito relevante e que deve bastar por si própria. Conhecer é bom, não apenas “para o futuro”, mas para a experiência do presente; não para apenas “saber mais”, mas para que isso faça viver melhor a si mesmo, aos outros.

Como pode ser pensada a formação em Educação Física hoje, ainda uma área de conhecimento e intervenção certamente em atraso em relação a outras disciplinas? Certamente por diversos caminhos, e evidentemente não tenho a pretensão de mostrar uma maneira “certa” de fazer isso, mas apenas

vou esboçar alguns elementos que podem ajudar no horizonte de possibilidades e se baseiam em argumentos que se pretendem limitados aos contextos da razão. Com isso quero dizer que eles devem apresentar algum tipo de sustentação teórica e ou empírica, mesmo quando forem algo experimentais, arriscados. Lembro que algum risco é bom para que se possa alargar expectativas, para que se nos autorize a ter dúvidas – elas são muito necessárias para aprender e produzir conhecimento. Afirmar o universo da razão é enfatizar a tentativa de resistir aos obscurantismos que, de toda espécie, são uma ameaça sedutora e constante à vida intelectual.

Se esse diálogo argumentativo deve ser feito no horizonte da razão, ele deve também questionar os seus marcos, sobretudo quando relacionados à ciência. Não há dúvidas quanto ao enorme avanço proporcionado pela ciência em suas várias ramificações, em especial as que chamamos de “naturais”. Tal avanço tem colocado, aliás, muitos desafios às Humanidades (FRIAS FILHO, 2009).

A ciência não é, no entanto, o porto seguro que muitas vezes imaginamos e sua história mostra que ela foi e é enormemente responsável por parte das desgraças que vivemos hoje. A ciência é também produzida, por exemplo,

com interesse bélico. Grande parte do esforço científico se vincula à produção de armas que são letais ou, ainda pior, responsáveis pela destruição específica de segmentos corporais. Armas que mutilam ao invés de matar, uma vez que um mutilado é economicamente mais deficitário, em uma guerra, do que um soldado morto. É curioso, aliás, mas não surpreendente, que boa parte do conhecimento que se desenvolve para o esporte e para o treinamento desportivo venha do esforço de conhecimento vinculado à guerra, ao mundo militar. Os militares – e digo isso como constatação e não propriamente um elogio – não apenas desenvolveram parte da ginástica, mas foram responsáveis por importantes do avanço científicos do esporte. Não é casual que boa parte dos centros de treinamento esportivo sejam militares, assim como também não é o fato de que a tecnologia de materiais esportivos deva aos esforços das Armas parte de seu desenvolvimento. As analogias do esporte com a guerra, o primeiro sendo uma representação da segunda, vão não apenas longe, mas ganham uma materialidade bastante insuspeita. Devemos pensar sobre isso quando nos debruçamos sobre o esporte como tema de pesquisa e intervenção, ainda que seja importante lembrar que o esporte não é propriamente guerra,

mas uma forma de sua representação. Melhor, claro, termos alguns se digladiado nas pistas do que cidades bombardeadas.

A ciência é uma forma de conhecimento produzida em determinado contexto histórico (a Modernidade), enraizada em contexto político e econômico vinculado à reprodução do capital, e que tem como características, entre outras, o fato de ser verificável, contestável, corrigível. A ciência é secular e, de certa forma, auto-referente, com regras, instrumentos e métodos próprios, sejam eles teóricos e/ou empíricos. Assim como filosofia e política não são o mesmo, como lembra Hannah Arendt (1992), verdade e ciência não são sinônimos. Se ciência não é apenas o que se produz em laboratório ou com medidas estatísticas, muito menos é mera opinião ou o desejo de como se gostaria que as coisas fossem, mesmo quando isso eventualmente foi publicado em forma de livro ou texto em periódico. Ciência tampouco não é mero relato de uma experiência, mal ou bem sucedida.

Mas é claro que a ciência nos é fundamental e a crítica a ela, como ensinam Horkheimer e Adorno (1997), só pode ser feita dentro dos marcos da razão e não a partir de um outro eixo que lhe seja externo. Uma crítica à ciência desde um ponto de vista místico, religioso, esotérico etc, tem pou-

co ou nenhum valor. Aquilo que produzimos na Universidade deve permanecer sob os muros dos saberes terrenos. Portanto, entre ciência e auto-ajuda e misticismo, melhor ficar com a primeira, embora não se deva perder o senso crítico em relação a ela.

Este texto trata da relação entre ensino e pesquisa em Educação Física. Ele será pensado em três momentos interligados. O primeiro diz respeito à atividade profissional de investigação acadêmica, à produção avaliada e reconhecida pelos pares e validada pelas regras do jogo científico. Um jogo que os estudantes têm que conhecer e, se possível, dele participar, seja pelo gosto que ele provoca – que é muito bom – ou pela formação que ele pode trazer para a vida profissional. A atividade de pesquisa, quando bem realizada, ensina a pensar de forma rigorosa e com método.

O segundo momento do texto, ao retomar outros trabalhos (VAZ, 1999; 2002), procura apresentar o lugar que a pesquisa pode ter na formação e se refere a um treinamento, a um aprendizado de pensamento sistemático, analítico e rigoroso. Todo aquele que atuará profissionalmente no ensino e na orientação de práticas corporais escolares, no lazer, nos esportes, na “promoção da saúde”, entre outras possibilidades, deve ter a

experiência da pesquisa em sua formação para que possa empregar suas estratégias sistematicamente em seu trabalho profissional. Não é preciso tornar-se pesquisador, mas é importante ter a dimensão da pesquisa na formação para que a atividade profissional não seja mera repetição de fórmulas.

Ao final, o texto aponta alguns elementos para pensar como essas questões se imbricam na prática de ensino como componente curricular, como isso pode ser um eixo na formação de professores e professoras de Educação Física.

Pesquisa e educação física: dois ou três comentários

O campo da Educação Física se ampliou enormemente nas últimas duas décadas. Uma das faces desse alargamento se relaciona aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Os primeiros mestrados são da segunda metade dos anos 1970, os cursos de doutorado só há cerca de quinze anos. Os doutores eram em maioria formados no exterior (sobretudo nos Estados Unidos da América e na Europa) ou em outras

áreas de conhecimento, como a Educação. É também do final dos anos setenta do século passado a criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)² e de sua revista (Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE), e das duas décadas seguintes o surgimento de outras associações relacionadas à Educação Física e com pretensão científica, como a Associação Brasileira de Biomecânica e a Sociedade Brasileira de Educação Física Adaptada.

Tratava-se, nos anos 1970, de uma Educação Física com preocupações na ciência e contra o que se considerava a “mera prática”, e isso na época significava, grosso modo, pesquisas muito pueris em aptidão física e crescimento e desenvolvimento humano ou pouca coisa além disso. “Pesquisa” de fato era uma novidade e em muitos cursos de graduação – e mesmo entre professores – não se sabia bem a distinção entre uma investigação acadêmica e o que se chama de “pesquisa de opinião” ou mesmo o que se aprendia que era “pesquisa” no ensino fundamental e médio: ler alguma coisa em um livro e repeti-lo ou parafraseá-lo.

2. O CBCE, criado em 1978, nasce inspirado no American College of Sports Medicine, também com uma denominação em língua inglesa (Brazilian College of Sciences Sports). Criado com forte influência médica e das Ciências Biológicas, em 1987 muda mais radicalmente seu perfil com a eleição de Celi Taffarel para sua presidência, sendo momento expressão de certa fragmentação da área de Educação Física (PAIVA, 1994).

Também é mais ou menos daqueles anos, o início da década de 1980, um certo movimento de crítica à Educação Física tradicional e ao esporte, cujos ecos, embora enfraquecidos, ainda hoje encontramos. Esse movimento se deve, em grande parte, à formação de pós-graduação em Educação e outras áreas das Humanidades, que muitos dos professores de Educação Física, em especial, mas não exclusivamente, universitários, obtiveram a partir daqueles anos. Não por acaso no Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física de 1984, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, o tema central aparecia na forma de uma peculiar pergunta: “Educação Física ou a arte de adestrar seres humanos?”

Isso não quer dizer que antes desse tempo não houvesse pensamento na Educação Física, nem que ele não pudesse ser crítico. Os militares do Exército, com sua *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos*, foram responsáveis por manter os leitores atualizados sobre o que era desenvolvido no mundo, principalmente a partir da segunda metade do século vinte. Por outro lado, a prática dos professores de Educação Física era, antes dos discursos críticos dos anos oitenta, também, mas certamente não só, experiência de resistência aos ditames do Estado Ditatorial, conforme

sabemos pela leitura do trabalho de Tabora de Oliveira (2003).

É bom que os alunos da graduação de hoje saibam que fazem parte de uma história de uma área que ainda está em consolidação acadêmica. De uma história que não começou na semana passada e que teve muitos desdobramentos. Se hoje em dia cursar um mestrado em Educação Física ou em outra área de conhecimento (há graduados em Educação Física que cursaram ou estão cursando pós-graduação em áreas tão diferentes como Filosofia e Neurociências, Clínica Médica e Sociologia Política, História e Fisiologia, Educação e Engenharia) não é um absurdo, há poucos anos era tarefa para pioneiros porque o curso de graduação oferecia com muito pouca frequência – e não raro em caráter muito precário – condições para que um aluno se preparasse para a prática da pesquisa.

Não há dúvidas que a área melhorou muito, ainda que, como escrito acima, o atraso seja grande. Observe-se uma faceta desse processo. A pesquisa acadêmica na Educação Física pode ser dividida tematicamente. De forma muito geral, podemos dizer que há um forte interesse pelas questões de aptidão física e saúde, da aprendizagem motora, do crescimento e desenvolvimento humano, assim como também são focos de in-

investigação outros temas que têm raiz nas Ciências Humanas, como aqueles de corte historiográfico, sociológico ou filosófico, entre outras possibilidades. Há ainda temas que estão na fronteira entre uma e outra abordagem, por assim dizer.

Há boas pesquisas nas duas margens e deve-se saber reconhecer as especificidades teóricas e metodológicas de cada uma. Há também por toda parte trabalhos de qualidade muito duvidosa, meras repetições de dados sem qualquer esforço interpretativo ou ousadia, ou então textos com “boa vontade” e às vezes politicamente engajados, mas sem conteúdo que os sustentem. Estes acabam por promover, é bom que se diga, um prejuízo muito grande ao pensamento crítico e à transformação das condições que advogam alcançar. Nessas situações, estamos diante de algo bastante nocivo para a Educação Física e para a produção do conhecimento em geral. Como já foi dito, pesquisa não é a simples compilação de dados, tampouco relato de experiência, embora precisemos dos primeiros e possamos tornar a última um objeto de reflexão. Muito menos panfleto político, ainda que a dimensão política da produção de conhecimento não possa ser negada.

Insisto na idéia de que deva haver no âmbito da Educação Física um diálogo maior

entre as “subáreas” e que tenha, simultaneamente, dois interesses não hierarquicamente sobrepostos. Deve-se estar atentos ao avanço do conhecimento e os mútuos respeito e reconhecimento ajudariam a dirimir as tensões. Mas, devemos também dialogar no sentido do interesse da prática, da intervenção pedagógica. Aí podemos encontrar um ponto de apoio e disposição para o diálogo. É preciso perguntar como as diferentes abordagens e pesquisas podem contribuir para um fim comum vinculado, por exemplo, a um planejamento mais efetivo da dinâmica da Educação Física escolar ou da atividade do professor em uma academia de ginástica e musculação. Obviamente não é possível o diálogo de todos com todos sobre tudo e ao mesmo tempo, mas as pontes devem ser não apenas procuradas, mas construídas. Um maior diálogo entre as “tribos”, como sugere Lovisolo (2000).

Para que se avance na área de Educação Física, nos termos que até agora foram colocados, é necessário, em primeiro lugar, que a pesquisa seja profissionalizada e não vinculada apenas ao esforço individual e pontual de um trabalho de conclusão de curso, dissertação ou tese. Conhecemos as dificuldades da maioria de nossas instituições de ensino superior, cujos recursos são escassamente destinados à pesquisa. Fora das instituições públicas é

raro que haja pagamento de horas de trabalho para os professores se dedicarem à investigação. Esse quadro dificulta as coisas, mas é preciso encontrar brechas e criar condições para a mudança dessa situação. A exigência da escrita de um trabalho de conclusão de curso de graduação e especialização ameniza um pouco as dificuldades, uma vez que os melhores alunos talvez possam desenvolvê-los dentro dos grupos de pesquisa.

Este é, aliás, um outro ponto fundamental, a existência de uma estrutura que, se organizada e posta de fato em funcionamento, dá vida à investigação acadêmica. A constituição de grupos de pesquisa dentro das instituições e ou de caráter interinstitucional é uma condição para o desenvolvimento de uma cultura acadêmica. Os grupos de pesquisa podem ser construídos de diversas maneiras e abrigar linhas de pesquisa distintas. São uma estrutura que procura somar forças, com pessoas que se reúnem pelo interesse comum em certos temas e ou abordagens. Não devem ser lugar para a disputa de pequenos poderes institucionais, não é bom que sejam pequenos feudos burocráticos ou peças ficcionais, existindo apenas em seu registro no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ou mesmo

no âmbito da instituição. Um grupo deve ter linhas de pesquisa que representem de fato aquilo que se produz ou se quer potencializar, e deve primar pelo diálogo e pela tolerância, pela abertura e pelo reconhecimento das diferenças. Um grupo deve incluir entre seus membros pessoas com diferentes níveis de formação e por isso a presença de alunos de graduação é mais que desejável. Estes não podem ter, no entanto, funções meramente administrativas, mas, sim, precisam ser formados disciplinadamente para o trabalho na pesquisa. Por outro lado, um grupo deve ser liderado por pesquisador com experiência, por alguém vinculado, de fato, à tarefa da investigação. Um grupo deve ter metas de curto, médio e longo prazo, sendo estas últimas talvez as mais importantes. Não é fácil formar e consolidar uma estrutura como essa, mas não se pode esperar que as “condições ideais” se coloquem para então constituí-la. Não vivemos em um país que nos dá o direito de esperar por elas.

As pesquisas não devem ter a preocupação de gerar uma quantidade grande de artigos e comunicações em congressos, mas sim buscar um padrão de qualidade que permita ter seus resultados publicados em bons periódicos e agir no sentido da formação de quadros para a investigação acadêmica. O

produtivismo dever ser combatido, a repetição deve ser evitada, a inclusão indevida de autores que apenas assinam um *paper* é um mal a ser extirpado porque reafirma uma prática de oportunismo. Por outro lado, a inépcia acadêmica precisa ser superada, buscando-se a geração de trabalhos capazes de alçar ao debate da comunidade acadêmica, material que possa ser não apenas registrado, mas lido, citado, testado, refutado, corrigido, criticado. Uma vida acadêmica sem crítica, que é sinal de respeito e consideração, é a de uma existência morta.

Por fim, mas não menos importante, é preciso lembrar que numa área de intervenção como a Educação Física, a pesquisa pode, tanto quanto possível, estar associada ao ensino, ainda que não se confunda com ele. Problemáticas de ensino podem ser importantes objetos de investigação, o manancial de questões da prática pedagógica é quase inesgotável. Nesse mesmo quadro, há uma dimensão da pesquisa que muito pode contribuir, mais diretamente, para a melhoria do ensino, como será tratado a seguir.

Pesquisa e formação

A pesquisa é um eixo para a formação de professores. Cada educador deve ser um pesquisador de sua prática pedagógica, precisa

ter o olhar afiado pela dimensão investigativa ou imitará durante toda a vida as vivências escolares ou as aulas “práticas” da licenciatura. O tempo não legitima a prática profissional. Quantas vezes já se ouviu uma das seguintes frases ou suas variações: “Isso eu já sei porque sou professor há vinte anos”, “Criança eu conheço, é assim mesmo”, “Atleta é sempre assim”? É de se perguntar: esses colegas de fato ministram aulas há tanto tempo, ou há tanto tempo ministram a mesma aula? Não se pode desqualificar a prática docente ou no esporte, mas como é possível dizer saber tanto apenas a partir da vivência não sistematizada? Se a proximidade com o objeto diz muito sobre ele, o distanciamento não é menos importante para a observação. Se não carecemos dos instrumentos de investigação e reflexão apurados, para que, então, freqüentamos um curso superior?

A prática de investigação como tarefa de professores e professoras de Educação Física deve ser exercitada ainda no período de formação inicial universitária. Nesse contexto, as escolas podem ser entendidas de forma ampla e complexa, como um extenso espaço de desenvolvimento e aplicação de técnicas corporais (MAUSS, 1974) e de cuidados com o corpo. As aulas de Educação Física e esportes sem

dúvida constituem espaços privilegiados para o ensino de um grande conjunto de técnicas corporais, um lugar de *experiências* (ADORNO, 1997) corporais – aquelas que se incorporam na história pessoal e coletiva, uma vez que a experiência com o mundo é sempre, em última análise, corporal, mediada e incorporada pelos sentidos: visão, audição, tato, olfato, gosto.

As aulas de Educação Física formam um conjunto de objetos de investigação muito rico. Há crianças e jovens (e adultos) em diferentes situações de saúde, com domínio técnico e corporal distintos, multiplicidade geracional, relações de gênero, étnicas, relacionadas às posições de poder e hierarquia (mais hábeis, mais bonitos, menos pobres, mais “alegres” etc), reforço na formação de “tribos”, práticas de preconceito – corporal, étnico, de gênero, lingüístico, dirigido às pessoas com deficiência –, enfim, o espaço pedagógico é plural e pleno de significados.

Há ainda um enorme conjunto de outros cuidados e técnicas que se ocupam do corpo nos ambientes educacionais, que não podem nem devem ser desprezados. Mais que isso, não se pode investigá-los sem que se considere seu entrelaçamento com as aulas de Educação Física. São exemplos os conceitos de corpo veiculados,

discursivamente ou não, em outras disciplinas. Seria muito interessante saber, por exemplo, das representações do corpo humano ensinadas em Ciências ou em Biologia. Com que imagens de corpo essas disciplinas trabalham? Que tipo de implicações há em ver um corpo como máquina? De um aparato que podemos trocar as peças, jogá-la no lixo se o conserto for muito caro? Um corpo pode ser visto como uma máquina de combustão? Como um relógio? Ou como um ser vivo com emoções, paixões, dores, hesitações, fraquezas, forças? É sobre um corpo vivo, talvez visto como morto, que a pedagogia atua canalizando pulsões, retendo paixões e procurando funcionalizar desejos.

E o que dizer do corpo nas aulas de Educação Religiosa? Note-se que as diferentes religiões tratam o corpo distintamente, conforme o ideário que constroem, de acordo com a *incorporação* necessária para a consolidação de suas concepções. Atente-se para os rituais que envolvem o corpo nos vários registros religiosos. Os investimentos sobre ele diferem de religião para religião. Há as que oprimem o corpo como um lugar de pecado, há as que o celebram como expressão da vida, ou algo transitando entre uma e outra posição. Lembre-se também, como destaca Dallabrida (2001), o quanto a tradição jesuítica em Educação se

compraz no incentivo ao esporte. Por outro lado temos as conhecidas dificuldades nas aulas de Educação Física com algumas confissões religiosas. Há casos em que até mesmo, argüindo a Constituição brasileira, solicita-se atividade alternativa à Educação Física alegando “escusa de consciência”.

Observe-se também os ritos formadores de masculinidade e de feminilidade, do homoerotismo nos ambientes educacionais. Ressalte-se que, do ponto de vista da formação da masculinidade, a violência no recalque à dor e ao sofrimento é um vetor fundamental de sua afirmação, ao representar muitas vezes, também na escola, a constituição de uma hierarquia, especialmente, mas não exclusivamente, entre os meninos.

Como tratamos a relação entre saúde e doença no ambiente escolar? O que dizer sobre um país como o nosso, onde há muitos desnutridos e obesos, e mesmo casos de pessoas portadoras de ambas enfermidades? Como tratamos a cultura alimentar nas escolas? Nossas crianças como são educadas para o gosto de comer? Essas questões são importantes, visto que as práticas alimentares não são apenas atividades de nutrição, mas momentos de domínio técnico do corpo no uso dos talheres, registro cultural na escolha dos alimentos,

e até mesmo momentos-chave de organização da rotina de creches e escolas (RICHTER; VAZ, 2005). Aliás, de que saúde escolar estamos falando? Como a Educação Física pode com ela contribuir, para além das prescrições para um “estilo de vida ativo”?

É necessário ainda investigar as técnicas disciplinares, relacionadas à arquitetura da escola, ao planejamento dos espaços de deslocamento, às proibições e interditos. As escolas são projetadas como dispositivos de controle e disciplina corporal? Nesse quadro, estar atento à dinâmica dos castigos é outro exercício muito importante. Há uma série de práticas punitivas nos ambientes educacionais, muitos delas relacionados a dores e privações corporais. Poder ou não deslocar-se para o recreio ou para as aulas de Educação Física, levantar da carteira, ir ao banheiro, tomar água, não repetir a merenda, não poder sair dos berços ou cadeiras ou almofadas (nos casos das creches) etc. são castigos corporais bastante fortes, que se assemelham às agressões diretas, hoje talvez menos frequentes.

Em suma, o espaço do corpo na escola em geral e especificamente nas aulas de Educação Física não pode ser pensado de forma estanque ou segmentada, mas de maneira integrada e interdisciplinar.

As aulas de Educação Física são momentos complexos que escapam da nossa análise mais superficial. São momentos que nos desafiam e por isso são importantes, instigantes, interessantes.

Quantos de nós conhecemos, de fato, a escola ou academia ou clube em que trabalhamos? Sabemos sobre os aspectos físico-estruturais, a política de captação de recursos humanos, financeiros e materiais, os aspectos históricos da instituição e, principalmente, o projeto pedagógico, declarado e não, assumido por ela? O que sabemos sobre o universo que circunda a instituição? Mais do que isso: o que podemos dizer sobre o que acontece no pátio, na quadra ou no aparelho de musculação à nossa frente? Temos dados sobre as raízes familiares, étnicas, os costumes, os hábitos, a cultura primeira das crianças, jovens, adultos, idosos, que estão conosco? Estamos informados sobre o que eles fazem fora dali? Temos uma memória escrita sobre nossas experiências, ou seja, temos registro de nossas aulas, de nossos acertos, erros, sentimentos? Sabemos dados epidemiológicos das populações com as quais trabalhamos?

Um problema de pesquisa relacionado a esses temas, diga-se outra vez, será dificilmente investigado de forma meramente disciplinar. As experiências corporais, como objetos de pesquisa

e reflexão, exigem o diálogo com várias disciplinas do conhecimento, não são objeto exclusivo da Educação Física. Esse diálogo, que deve ser simultaneamente nos marcos teórico e metodológico, delimita e ao mesmo tempo possibilita a investigação do problema.

A Educação Física não é uma ciência, nem precisaria ser, mas uma área acadêmica cujo foco principal é a intervenção pedagógica, na escola e fora dela, e que se serve da tradição do conhecimento ocidental para suas pesquisas. Se queremos, por exemplo, estudar a hierarquia que se forma em torno da violência corporal entre os alunos e alunas, não podemos prescindir de recursos nem das Ciências Humanas e Sociais, nem das Ciências da Saúde. O olhar interdisciplinar, teórico e metodológico, é uma exigência do objeto. Para isso é preciso dominar um instrumental de investigação adequado e saber operar com conceitos, esses instrumentos do pensamento, de forma que se possa mais bem conhecer.

Considerações finais: um nexos com a prática de ensino

Todo esse processo pode encontrar um desiderato na prática de ensino de Educação Física, entendida não como uma disciplina

terminal do curso de licenciatura, mas como um eixo articulador da formação de professores e professoras de Educação Física. Para tanto, é essencial que a prática de ensino esteja distribuída ao longo do curso de formação de professores, conforme paulatinamente vem acontecendo com as recentes diretrizes curriculares, e que o aprendizado vinculado à pesquisa seja capaz de oferecer subsídios para uma análise crítica e pormenorizada das situações de ensino.

Em outras palavras, os alunos devem aprender a identificar problemáticas, pontos de tensão, questões pertinentes que conformam a prática pedagógica de Educação Física. Uma vez identificadas, elas devem constituir objetos de estudo e reflexão como problemáticas de pesquisa, de forma que se torne um hábito a relação rigorosa com os objetos que entendemos serem importantes na prática pedagógica. Sem conhecer, não podemos intervir com qualidade e o processo que leva à formação deve se desdobrar ao longo de todo o curso de licenciatura. Um futuro professor deve aprender a se debruçar sobre as problemáticas da educação do corpo na escola, tanto aquelas afeitas à Educação Física, quanto as que estão fora dela.

Um problema de pesquisa pode se desdobrar como foco de investigação para mais de um semestre

letivo, acompanhando um estudante ou um grupo deles, ao longo de algumas disciplinas da formação de professores. É preciso ir a campo, observar, coletar dados, transformá-los em resultados de pesquisa por meio de análise cuidadosa. Mas para isso é preciso saber o que vai ser feito, ter paciência, rever equívocos e reconhecer avanços, ter uma orientação segura. Um docente com pouca experiência de pesquisa terá dificuldades para orientar seus alunos.

A pesquisa é uma arma fundamental para a construção de um mundo melhor, ainda que possa ser também produtora, por seus instrumentos ou resultados, de muito sofrimento, como já antes dito. Gerar uma cultura de investigação e produção de conhecimento no interior da prática de ensino significa um investimento na construção de um pensamento mais rigoroso, fundamental para aqueles que querem ser professores ou trabalhar com os esportes e outras práticas corporais. Para todo aquele que pretende manter uma relação pedagógica em sua atividade profissional.

Uma última palavra. Para a formação de um professor, e indiscutivelmente de um pesquisador, é importante que não transformemos nossos alunos em *idiotas disciplinares (Fachidioten)*, pessoas (de) formadas em uma única dimensão, que talvez conheçam razoavelmente

bem seu tema de pesquisa ou docência, mas que não conseguem vê-lo dentro de uma história, de um contexto mais amplo. Em outras palavras, não logram observá-lo senão em uma de suas faces, a mais superficial. Isso não significa ser contra a especialização ou as disciplinas em sua força e integridade. Muito pelo contrário, é preciso defender a legitimidade disciplinar ou não termos interdisciplinaridade. Mas, um professor ou um pesquisador deve ser alguém cultivado. Com isso não podemos condescender.

Referências

- ADORNO, T. W. Theorie der Halbbildung. In: _____. **Gesammelte Schriften 8**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. p. 93-121.
- ARENDT, Hannah. **Between Past and Future**. New York: Peguim, 1992.
- DALLABRIDA, N. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis - SC: Cidade Futura, 2001. 293 p.
- FRIAS FILHO, O. **Seleção natural: ensaios de cultura e política**. São Paulo: Publifolha, 2009. 218 p.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente. In: ADORNO, T. **Gesammelte Schriften 3**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- LOVISOLO, H. R. **Atividade física, educação e saúde**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000. 112 p.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Lamberto Puccinelli, Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU, 1974, v. 2, 331 p.
- PAIVA, F. S. L. **Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Vitória/ES: CEFD/UFES, 1994.
- RICHTER, A. C. ; VAZ, A. F. **Corpos, Saberes e Infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos**. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 26, p. 79-93, 2005.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil: entre a adesão e a resistência**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.
- VAZ, A. F. Aprender a produzir e mediar conhecimentos: um olhar sobre a Prática de Ensino de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XI, n. 13, p.11-34, novembro 1999.
- _____. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In:

_____; PINTO, F. M.; SAYÃO,
D. T. (Org.) **Educação do corpo
e formação de professores:**
reflexões sobre a Prática de
Ensino de Educação Física.

Florianópolis : Editora da UFSC,
2002. p. 85-107.

Recebido: 30/agosto/2009
Aprovado: 20/outubro/2009